

## INTER-RELAÇÃO ENTRE TRABALHO E LAZER: UM OLHAR PARA A FESTIVIDADE DE TORCEDORES/AS E A COLETA DE CATADORES/AS NAS IMEDIAÇÕES DA ARENA DO GRÊMIO

**Daiane Grillo Martins<sup>1</sup>**  
**Alan Goularte Knuth<sup>2</sup>**

**Resumo:** Buscamos olhar para as relações entre trabalho e lazer, na interdependência entre torcedores/as e catadores/as, a partir de uma pesquisa etnográfica, realizada no ano de 2018, nas imediações da Arena do Grêmio, em Porto Alegre/RS, em dias de jogos no estádio. Também buscamos descrever de que forma esse acontecimento compõe aspectos da vida de moradores/as e não moradores/as das imediações da Arena. Consideramos que o território múltiplo e ambíguo se configura pela inter-relação entre estratos funcionais (torcedores/as, comerciantes, moradores/as, ambulantes, cambistas, eleitores/as, guardadores/as de veículos e catadores/as). Para a compreensão da inter-relação entre a festa e o trabalho, destacamos a conversa com três catadores/as. Quando nos propomos a contemplar mais especificamente a inter-relação entre torcedores/as e catadores/as, numa perspectiva configuracional, destacamos que trabalho e lazer não podem ser considerados isoladamente. Tratamos, portanto, de um território específico em que a inter-relação entre trabalho e lazer se configura por diferentes atores e redes de relações que precisamos evidenciar no campo de estudos do lazer. Entendemos que ainda é necessário ampliar olhares para a indissociabilidade e multiplicidade de configurações constituídas na relação entre trabalho e lazer.

**Palavras-chave:** Lazer. Trabalho. Estádio de Futebol.

## INTERRELATION BETWEEN WORK AND LEISURE: A LOOK AT THE FESTIVITY OF FANS AND THE COLLECTION OF CATADORS IN THE IMMEDIATION OF THE GRÊMIO ARENA

**Abstract:** We seek to look at the relationship between work and leisure, in the interdependence between fans and collectors, based on an ethnographic survey, carried out in 2018, in the surroundings of Arena do Grêmio, in Porto Alegre/RS, on matchdays. We also seek to describe how this event composes aspects of the lives of residents and non-residents in the surrounding of the Arena. We consider that the multiple and ambiguous territory is configured by the interrelationship between functional strata (fans, merchants, residents, street vendors, money changers, voters, car keepers and collectors). To understand the interrelationship between the party and work, we highlight the conversation with three collectors. When we propose to contemplate more specifically the interrelationship between fans and collectors, we emphasize that work and leisure cannot be considered viable in isolation, so that it is possible to understand the appropriation of the territory investigated in a configurational perspective. We are, therefore, dealing with a specific territory in which the interrelationship between work and leisure is configured by different actors and networks of relationships that we need to highlight in the field of leisure studies. We understand that it is still necessary to broaden perspectives on the inseparability and multiplicity of configurations constituted in the relationship between work and leisure.

**Keywords:** Leisure. Work. Soccer Stadium.

<sup>1</sup> Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas, professora no município de Sapucaia do Sul/RS, [daia.martins82@gmail.com](mailto:daia.martins82@gmail.com), <https://orcid.org/0000-0001-5363-1795>.

<sup>2</sup> Doutor em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas, professor na Universidade Federal do Rio Grande, [alan\\_knuth@yahoo.com.br](mailto:alan_knuth@yahoo.com.br), <https://orcid.org/0000-0002-2030-5747>.

## INTERRELACIÓN ENTRE TRABAJO Y OCIO: UNA MIRADA A LA FESTIVIDAD DE HINCHAS Y LA COLECCIÓN DE CATADORES EN LA INMEDIACIÓN DEL GRÊMIO ARENA

**Resumen:** Buscamos mirar la relación entre trabajo y ocio, en la interdependencia entre los hinchas y colectores de envases, a partir de una investigación etnográfica, en 2018, en las inmediaciones del estadio del Grêmio, en Porto Alegre / RS, en días de juegos en el estadio. También buscamos describir cómo este evento compone aspectos de la vida de residentes y no residentes en las inmediaciones de la Arena. Consideramos que el territorio múltiple y ambiguo está configurado por la interrelación entre estratos funcionales (hinchas, comerciantes, policías, vendedores ambulantes, cambistas, votantes, guardia caros y colectores de envases). Para comprender la interrelación entre la fiesta y el trabajo, destacamos la conversación con tres colectores de envases. Cuando nos proponemos contemplar más concretamente la interrelación entre hinchas y colectores, desde una perspectiva configuracional, ressaltamos que el trabajo y el ocio no pueden considerarse de forma aislada. Estamos ante un territorio específico en el que la interrelación entre trabajo y ocio si configura por diferentes actores y redes de relaciones que debemos destacar en el campo de los estudios del ocio. Entendemos que aún es necesario agregar perspectivas sobre la inseparabilidad y multiplicidad de configuraciones constituidas en la relación entre trabajo y ocio.

**Palabras clave:** Ocio. Trabajo. Estadio de Fútbol.

### INTRODUÇÃO

No Brasil, os grandes estádios de futebol cumprem papel relevante na reprodução social urbana, onde o calendário futebolístico demarca os tempos e os horizontes de muitas vidas cotidianas e as formas de torcer se projetam na arquitetura dos estádios, inclusive durante a sua construção (MASCARENHAS, 1998, 1999a; TOLEDO, 2013). Nesse contexto, entendemos que a inter-relação torcedores/as e estádio pode se dar não somente no lado interno dos templos futebolísticos, mas também no seu entorno. Dessa forma, procurando ampliar os olhares para as manifestações torcedoras, sem deixar de levar em consideração que cada contexto social possui suas peculiaridades, tratamos aqui de uma investigação que contextualiza o território externo a um estádio de futebol, localizado nas suas proximidades.

Considerando que as relações com que funcionalizamos e significamos o espaço é mais relevante que as formas concretas que o construímos, ainda que a materialidade do espaço também seja parte do território (RAFFESTIN, 1993), realizamos<sup>3</sup> uma pesquisa etnográfica, no ano de 2018, com objetivo de compreender como se configuram as relações de apropriação do espaço das imediações da Arena do Grêmio, situada na cidade de Porto Alegre/RS, em dias de jogos oficiais no estádio. Também buscamos descrever de que forma esse acontecimento

---

<sup>3</sup> A pesquisa de campo, financiada pela CAPES, foi realizada pela primeira autora do trabalho.

compõe aspectos da vida de moradores/as e não moradores/as das imediações do estádio do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense<sup>4</sup>.

A fundação do Grêmio ocorreu em 15 de setembro de 1903 e o surgimento dos primeiros torcedores do clube praticamente coincide com sua data de fundação. Seu quadro de fundadores foi formado por descendentes alemães e italianos, donos de indústrias, comerciantes, profissionais liberais e estudantes abastados (RODRIGUES, 2012). O Grêmio passou por transformações significativas a partir do final dos anos 40, incluindo a transferência da sede do Fortim da Baixada para um novo estádio, a ser construído no Bairro Azenha. O estádio Olímpico Monumental, com capacidade estimada de 60 mil espectadores, foi inaugurado nos primeiros anos da década de 50 (DAMO, 2002) e foi a casa do Grêmio por mais de 60 anos, palco de grandes conquistas do clube, até a fundação da Arena.

A Arena do Grêmio foi inaugurada em dezembro de 2012, no Bairro Humaitá, na zona norte de Porto Alegre, a 8 km do centro, às margens da Freeway (BR290), caracterizando-se como um dos estádios mais modernos da América Latina, segundo dados do site oficial do clube. Após quatro anos de sua inauguração, o primeiro título de expressão nacional a ser conquistado na Arena ocorreu em dezembro de 2016: o penta campeonato da Copa do Brasil. Destacamos que na época em que foi realizada a pesquisa, o Grêmio se encontrava em grande fase, conquistando títulos de expressão continental, como a Copa Libertadores da América (2017) e a Recopa Sul-americana (2018).

## **CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS**

Norbert Elias (1994c, p. 36) nos direciona ao entendimento de que “[...] quando pesquisamos processos sociais, temos que examinar a rede de relacionamentos humanos, a própria sociedade, a fim de identificar as compulsões que as conservam em movimento e lhes conferem forma e direção particulares”. Desse modo, para traçarmos os caminhos dessa investigação, embasamo-nos na etnografia, entendida como “a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças” (ANGROSINO, 2009, p. 30). A Etnografia contempla ferramentas que

---

<sup>4</sup>Dissertação de mestrado da primeira autora, no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil. Desta pesquisa, está publicado um artigo na *Movimento* (MARTINS; KNUTH, 2020) e outro na *Revista FuLia* (MARTINS; KNUTH, 2021). Salientamos que embora os aspectos analíticos estejam distintos dos trabalhos originados da dissertação, alguns fatores descritivos da pesquisa de campo, já explicitados nos artigos publicados também constam neste trabalho. Isso com o objetivo de situar a/o leitor/a sobre o campo investigado e sobre como chegamos às análises e conclusões que aqui constam.

nos possibilitaram enxergar a densidade das inter-relações dos dias de jogos, pelos sujeitos que habitam o território das imediações da Arena do Grêmio, já que este contexto ainda não foi investigado com os contornos aqui assumidos.

O período de imersão no campo<sup>5</sup> ocorreu no segundo semestre de 2018, de 23 de setembro a 02 de dezembro, totalizando sete incursões no território, em dias de jogos oficiais do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, no Campeonato Brasileiro e Copa Libertadores da América. A prioridade de espaço-tempo ficou reservada aos períodos que antecederam os jogos e à extensão da Avenida Padre Leopoldo Brentano, tendo início no Bar do Tricolor, até o Bar do Ito, na Avenida AJ Renner. No entanto, em dia de Libertadores, a pesquisadora permaneceu nas imediações também durante o horário do jogo. Destacamos que as imediações da Arena estão para além do território limitado na pesquisa, porém, foi preciso já nas primeiras idas a campo, delimitar o território de investigação para possibilitar uma imersão mais densa.

Então, além de um recorte temporal, também houve um recorte espacial, que se deu por meio da possibilidade de ver<sup>6</sup> o campo, considerando dois aspectos específicos: o cenário de permanência de maior número de torcedores/as e demais sujeitos do campo e também por proporcionar maior sensação de segurança à pesquisadora<sup>7</sup> para circular nesses espaços.

No espaço determinado, foram realizadas observações, caminhadas, conversas informais e diários de campo. Também utilizamos imagens fotografadas e filmadas através de *smartphone*, de uso pessoal, como instrumentos de auxílio para a confecção dos diários do campo. Endossamos que dependendo dos acontecimentos durante o processo de pesquisa, que vão desde o deslocamento até o campo e os fatos lá ocorrentes, o tempo estimado de permanência a cada imersão teve variações. O menor período de permanência no campo foi de aproximadamente uma hora e o maior foi de aproximadamente quatro horas.

Em um dia de Libertadores, houve também a necessidade de permanecer em campo durante o período do jogo, mesmo que a previsão projetada contemplava, preferencialmente, o período pré-jogo. Isso porque, se tratando de pesquisa qualitativa, o/a cientista social tem como preocupação básica “[...] a estreita aproximação dos dados, de fazê-lo falar de forma mais completa possível, abrindo-se à realidade social para melhor aprendê-la e compreendê-la”

---

<sup>5</sup> A imersão no campo ocorreu após aprovação do projeto de pesquisa junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Medicina, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), que emitiu parecer de aprovação nº 2.897.136, em 17 de setembro de 2018.

<sup>6</sup> “[...] ocorre que ver, sendo diferente de olhar pura e simplesmente, implica uma organização do que foi olhado, espiado, espionado, entrevistado, reparado, notado, percebido ao longo do percurso etnográfico. Ver implica um olhar que se organiza; um olhar organizado e reorganizado; que vai organizando; que organiza e reorganiza; que vai revendo; que revê e dá por revisto” (SILVA, 2009, p. 181 e 182).

<sup>7</sup> A pesquisadora, moradora do interior do estado, pouco conhecia o território investigado e circulava sozinha pelos espaços. Por isso, buscou traçar o critério de sua segurança como indispensável ao andamento da pesquisa, desde as primeiras incursões.

(MARTINS, 2004, p. 292). Em seis dos sete jogos ocorridos, a pesquisadora, que é torcedora gremista, entrou no estádio para torcer, momentos antes de começar a partida, ou ainda, logo após o começo e não permaneceu no território após o término dos jogos. Todas as observações pós-jogo que constam nos diários se referem ao que pôde observar, ao se deslocar para ir embora.

## AS IMEDIAÇÕES DA ARENA

Haesbaert (2010, p. 350) menciona que território “não é simplesmente uma ‘coisa’ que se possui ou uma forma que se constrói, mas, sobretudo, uma relação social mediada e moldada na/pela materialidade do espaço”. A etimologia da palavra território remete às palavras latinas *terra* e *torium*, que significa terra que pertence a alguém (BOZZANO, 2009). Assim, a territorialização é abordada enquanto “as relações de domínio e apropriação do espaço, ou seja, nossas mediações espaciais do poder” (HAESBAERT, 2010, p. 339). Ao nos referirmos à dominação e apropriação do espaço, falamos de relações entre sujeitos e, portanto, nos remetemos às “[...] múltiplas sujeições que ocorrem e funcionam no interior do corpo social” (FOUCAULT, 2010, p. 24).

Ao tratar da territorialização em tempos atuais, especificamente nos ambientes urbanos, Haesbaert (2010) tece críticas a autores que abordam a ideia de fim dos territórios. O autor considera a desterritorialização um mito e nos direciona ao entendimento de multiterritorialidade. Não seria o fim do território, mas a sua multiplicidade. Uma multiplicidade que não é isolada, mas que se estabelece em redes, pois

[...] o que entendemos por multiterritorialidade é, assim, antes de tudo, a forma dominante, contemporânea ou ‘pós-moderna’ da reterritorialização, a que muitos autores, equivocadamente, denominam desterritorialização. Ela é consequência direta da predominância, especialmente no capitalismo pós-fordista ou de acumulação flexível, de relações sociais construídas através de territórios-rede, sobrepostos e descontínuos, e não mais de territórios-zona (...) o que não quer dizer, em hipótese alguma, que essas formas mais antigas de território não continuem presentes, formando um amálgama complexo com as novas modalidades de organização territorial (HAESBAERT, 2010, p. 338).

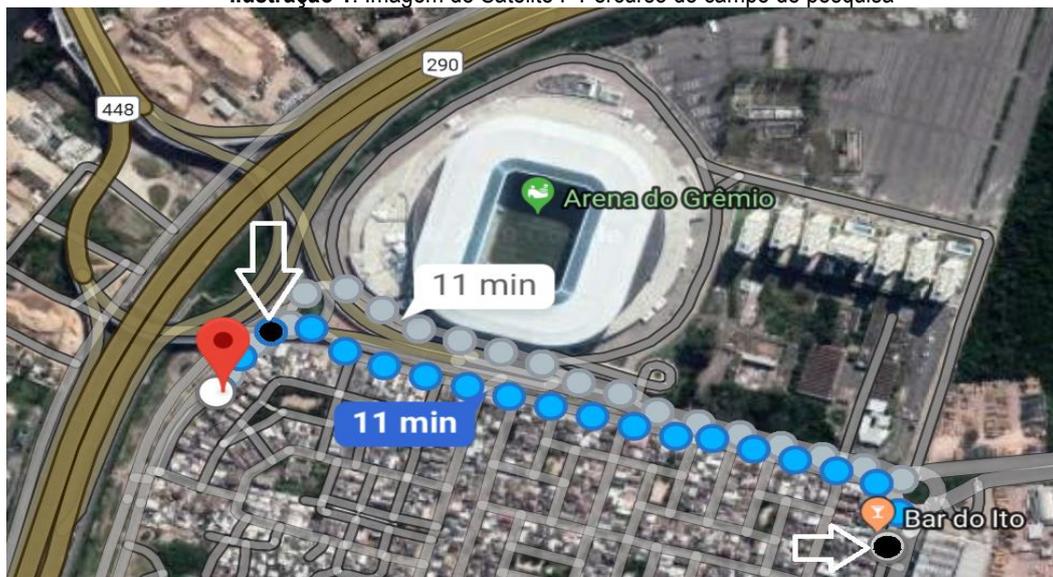
Mais do que o fim dos territórios, Haesbaert (2010, p. 339) afirma que não há indivíduo ou grupo social sem território, “[...] sem relação de dominação e/ou apropriação do espaço, seja ela de caráter predominantemente material ou simbólico”. E as formas de apropriação estabelecida pelos estratos funcionais do território devem ser analisadas entre si, pois para

[...] entender estruturas e processos sociais, nunca é suficiente estudar um único estrato funcional no campo social. Para serem realmente entendidas, essas estruturas e processos exigem um estudo das relações entre os diferentes estratos funcionais que convivem juntos no campo social e que, com a mais rápida ou mais lenta mudança nas relações de poder provocada por uma estrutura específica desse campo, são no curso do tempo reproduzidas sucessivas vezes (ELIAS, 1994a, p. 223).

O espaço, por ele mesmo, é social, pois não há sociedade a-espacial (SANTOS, 2005) e “toda relação social implica uma interação territorial, um entrecruzamento de diferentes territórios” (HAESBAERT, 2010, p. 344), os indivíduos estabelecem relações entre si no espaço-tempo vivido, tornando essas inter-relações uma parte da multiplicidade de territórios em rede já que “a interdependência universal dos lugares é a nova realidade do território” (SANTOS, 2005, p. 137). Desse modo, consideramos o território das imediações da Arena, em dias de jogos como espaço de inter-relações de domínio e apropriação dos sujeitos que lá se encontram e que compartilham certo espaço-tempo vivido (HAESBAERT, 2007).

O que chamamos de Imediações da Arena trata-se do território que possui aproximadamente 650 metros de distância entre as suas extremidades: o Bar do Ito e o Bar do Tricolor. O território em que houve a imersão pode ser visualizado através das seguintes imagens de satélite, que apontam o percurso constante da pesquisadora, sinalizada pelas setas, na imagem I (Ilustração 1). A seta à esquerda da imagem, refere-se ao Bar do Tricolor e a seta à direita, sinaliza o Bar do Ito. Estes estabelecimentos comerciais que delimitavam o território podem ser melhores visualizados na imagem Ilustração 2.

**Ilustração 1:** Imagem de Satélite I- Percurso do campo de pesquisa



Fonte: Google Maps, 2019.

**Ilustração 2:** Imagem de Satélite II- Extremidades do campo de pesquisa



Fonte: Google Maps, 2019.

O espaço da Avenida Padre Leopoldo Brentano é pavimentado, com duas vias para circulação de veículos e um canteiro central, dividindo as vias. Do lado da avenida, em que se localiza a Arena não existem residências, apenas um grande muro que se estende até o início do estádio. Do lado oposto, encontram-se as residências e estabelecimentos comerciais, em sua maioria, construções de alvenaria.

Nas extremidades do campo, se posicionam fiscais de trânsito para controlar a circulação atípica dos dias de jogos. O policiamento militar circula pelo território, mas também possui seus pontos fixos estratégicos. Ao longo de todo território existem torcedores/as e moradores/as. Cambistas esporadicamente exercem suas atividades por ali, já que permanecem, prioritariamente, no entorno do estádio. Durante o período de eleições, em que ocorreu parte da pesquisa, grupos de campanha de candidatos que possuem alguma ligação com o clube também estavam em ação. Identificamos dois candidatos ex-goleiros e um membro conhecido da torcida da Geral do Grêmio.

Os pontos de comércio também se estendem por todo território, tanto que as extremidades são delimitadas por dois bares. São comerciantes locais e ambulantes que ocupam as calçadas, o canteiro e a parte abaixo da rampa de acesso à parte superior da Arena, se estendendo pelo entorno do estádio. Os/as guardadores/as de veículos ocupam lugares viáveis ao estacionamento, sejam eles públicos (ruas ou calçadas) ou privados (pátios ou garagens).

Catadores/as também circulam permanentemente com seus sacos ou carrinhos coletores, em busca, principalmente das latas deixadas pelos/as torcedores/as, após o consumo

de bebidas. São homens e mulheres, jovens, adultos e idosos/as e algumas crianças. São diversos sujeitos, funções e significados atribuídos que se configuram em múltiplas relações de apropriações do território.

As relações comerciais no território possuem sua centralidade nos/as torcedores/as, pois são os/as principais consumidores/as de alimentos, bebidas e artigos relacionados ao clube (camisas, bonés, chapéus, bandeiras, entre outros). Os/as gremistas consomem nos estabelecimentos locais, nos ambulantes e o consumo de bebidas ocasiona geração de renda aos/às catadores/as de latas. Os/as guardadores/as de veículos também fazem parte dessa rede, ao lucrarem com a função exercida com os/as torcedores/as, que se locomovem com seus veículos de passeio até o estádio ou com os ônibus de excursões vindas, principalmente, do interior do estado.

Quanto aos moradores e às moradoras do Humaitá, conforme a delimitação do campo investigado, referimo-nos aos sujeitos que possuem residência fixa no território. Como foi observado, ao longo dos dias de jogos e, de forma mais intensa em ocasiões que movimentam maior número de público, grande parte dos lares da avenida interagem com a transformação ocorrente, fazendo parte desse acontecimento. Essa verificação consta no trecho do diário de campo II, já mencionado na análise sobre a apropriação, mas agora citado sob outra perspectiva:

Muitas casas abriam as suas portas para se transformar em comércio de bebidas e lanches. Garagens se transformaram em lancherias, canteiros em centros de comércio de churrasquinho, cachorro quente, entrevero, bebidas e artigos que se remetiam ao clube (bonés, camisas, bandeiras, cavalinhos) [...] Ao longo da caminhada, me impressiono com a quantidade de bares, mercearias e lancherias existentes, em que a grande maioria faz alusão ao Grêmio, seja no nome e/ou nas cores do estabelecimento. Do meio para o final da avenida também me chamou atenção a quantidade de casas que se transformam em estacionamentos: são calçadas, garagens, pátios que são guardados por mulheres e homens que ficam no centro da rua chamando por seus clientes que chegam nos seus veículos, até onde o movimento de torcedores ocupando as ruas os deixam ir (02/10/2018).

A preparação para a recepção dos/torcedores/as se inicia horas antes da partida, até porque o público permanente começa a chegar cedo. Mascarenhas (1999b, p.7), ao abordar a configuração territorial, sinaliza que a prática esportiva

Implica transformações significativas na forma e na dinâmica territoriais. Primeiramente, o esporte deve ser encarado como uma atividade econômica, particularmente quando realizado em caráter oficial, de competição, e oferecido à sociedade (público espectador) como um artigo de consumo. Enquanto atividade econômica voltada para o entretenimento comercializado, o esporte precisa ser oferecido em lugares apropriados. São estádios, ginásios, pistas diversas, enfim, um amplo conjunto de equipamentos fixos na paisagem e geralmente de grande porte físico, o que resulta em maior capacidade de permanência (MASCARENHAS, 1999b, p. 7).

Na mesma perspectiva, Toledo (2013, p. 152), aponta que “[...] no universo do consumo ganha cada vez mais a importância a figura do torcedor consumidor como arrimo moral e legal da ordem esportiva distributiva da riqueza que aí se produz e acumula” (). Procurando ampliar o olhar, propomo-nos a dizer que no contexto investigado o comércio/consumo futebolístico está para além do lado de dentro dos estádios e dos cofres dos clubes. Os sujeitos envolvidos no consumo dos dias de jogos também se expandem para o território do entorno do estádio. Nas imediações da Arena do Grêmio, os dias de jogos constituem composição relevante à vida de moradores/as das imediações da Arena e de bairros próximos, no que tange ao aspecto financeiro.

De acordo com Stigger (2009), ao mencionar que as práticas culturais podem ser menos iluminadas quando vistas de fora e de longe e que tendem a surpreender-nos quando vistas de perto, nos propomos a dizer que a possibilidade da compreensão da complexidade de relações que constituem as imediações da Arena do Grêmio nos permitiu enxergar relações que nem suspeitávamos encontrar ao projetarmos essa pesquisa. Entendemos que as imediações da Arena, em dias de jogos, se configura como espaço de inter-relações de domínio e apropriação pelos sujeitos dos estratos funcionais<sup>8</sup> que lá estão: torcedores/as, moradores/as, comerciantes, vendedores/as ambulantes, catadores/as, cambistas, fiscais, eleitores, policiais, guardadores/as, que compartilham espaço-tempo vivido. Nesse cenário de configurações múltiplas e ambíguas, destacamos neste trabalho, o olhar para as inter-relações entre trabalho e lazer, na interdependência entre torcedores/as e catadores/as<sup>9</sup>, partindo da perspectiva de que os campos do lazer e do trabalho são interligados e por isso, não devemos considerá-los isoladamente (MARCELLINO, 2012).

## **A FESTIVIDADE TORCEDORA E O TRABALHO DOS/AS CATADORES/AS**

Dumazedier (2008, p. 26), ao abordar a origem do lazer, nos conduz ao atendimento de que o lazer, com seus traços específicos nasce no período da revolução industrial, embora o tempo fora do trabalho seja tão antigo quanto o próprio trabalho. Complementa ainda que no período arcaico, o jogo e o trabalho se constituíam interligados às festas, pois possuíam “significações da mesma natureza na vida essencial da comunidade”. A partir do entendimento de Dumazedier (2008), pretendemos aqui atribuir outros sentidos à relação entre festa, jogo e trabalho nas imediações da Arena. Consideramos que em tempos pós-modernos, da sociedade

---

<sup>8</sup> ELIAS (1994).

<sup>9</sup> Para saber mais sobre a configuração do território e seus estratos funcionais, ver MARTINS; KNUTH (2020).

voltada para o consumo (BAUMAN, 2008), o jogo do time do Grêmio, a festa de torcedores/as gremistas e o trabalho de quem dá suporte à festa, embora possuam significações diferentes, também se estabelecem de forma indissociável na configuração do território.

Para Amaral (1998), a festa é mediadora entre os anseios individuais e coletivos. Não se trata de “somente significar o objeto, mas celebrá-lo [...] em utilizar meios de expressão para fazer aparecer o valor que se atribui a esse objeto” (p. 39). Portanto, as imediações da Arena é território da festividade torcedora, se compondo por pontos de encontros que acontecem nos bares, nos lares, nos canteiros, nas calçadas, no meio da rua. Quem não traz sua bebida de casa, compra por lá. Os/as catadores/as estão em circulação permanentemente, pois o tempo todo há consumo e produção de lixo. A cerveja e o churrasco possuem valor simbólico na confraternização. Se para os/as comerciantes, ambulantes, catadores/as, guardadores/as e cambistas o território é um lugar de trabalho, para os/as torcedores/as gremistas é um cenário da celebração do dia de jogo.

Amaral (1998) contempla ainda que “toda festa é um ato coletivo, ela supõe não só a presença de um grupo, mas também sua participação” (p. 39 e 40). Assim, para torcedores/as festejar o dia de jogo é tornar o território uma tela, pintada pelas cores azul, preto e branco. É vestir com orgulho a camisa tricolor, é ser tricolor e estar entre tricolores. É reforçar, nos microterritórios os laços de pertencimento. É fazer parte da festa gremista, do ambiente esportivo, do lugar da permissão e estímulo das manifestações emotivas, dos gestos exagerados, da embriaguez coletiva.

O território das imediações da Arena é também a festa no espaço público. Quase tudo é público, com exceção de alguns espaços alugados para grupos específicos de torcedores/as, moradores/as que fazem suas festividades privadas e aqueles/as que mantêm as portas de suas casas fechadas, sem interagir com o que acontece do lado de fora. As imediações da Arena é território de quem é do lado de fora do estádio e justamente por ser do lado de fora, que envolve essas redes de estratos específicos, estabelecendo inter-relações entre sociabilidade e comércio. E o lado de fora também é o lado de dentro do círculo de celebração e de quem dá suporte à festa.

Para Elias (1994b), a análise social deve levar em consideração que as categorias indivíduos e sociedade não se desvinculam. Não há sociedade sem indivíduos e não há indivíduos sem sociedade, é fundamental tratar dos indivíduos do território, para que seja possível compreender as redes existentes. Portanto, a inter-relação entre a festa torcedora e o trabalho de catadores/as, destacamos a conversa com três catadores/as, que são moradores/as das proximidades do estádio, já que falar de catadores/as e de moradores/as que compõem o

território é falar de dona Vitória, do Renato e também do Lupicínio<sup>10</sup>.

Dona Vitória, uma encantadora senhora que gosta de uma boa conversa, conta que vai a todos os jogos e cata latinhas porque ajuda na renda familiar. A catadora de 76 anos comenta que “vai coletando o que encontra e os comerciantes também guardam para ela”. Complementa que

[...] mora num bairro próximo à Arena e deixou a zona rural para viver na capital. É casada com um carroceiro e possui uma filha adulta, dependente química de crack. Comenta que a renda familiar é em torno de um salário mínimo e não é beneficiária de nenhum programa social porque “é difícil conseguir”. Ela é gremista, mas não assiste aos jogos. Conta em tom de humor que não assiste nem em casa porque não sabe ligar a televisão. (...) Ela menciona também que é bem conhecida por ali, não só pelos/as moradores/as que lhe fazem doações, mas também pelos/as torcedores/as, que pedem para tirar foto com ela (DIÁRIO DE CAMPO VI, 18/11/2018).

Dona Vitória, que também é gremista, estabelece relações com os/as torcedores/as através da sociabilidade, do sentimento de pertencimento clubístico e do trabalho de catar latinhas. Usa camisa e boné do clube, oferece conversa e abraços e pousa para fotos. Portanto, o consumo que os/as torcedores/as fazem das bebidas se relacionam com a catadora, ao gerar fonte complementar de renda. Há relações de solidariedade com os/as comerciantes locais, que juntam as latas em seus estabelecimentos para doá-las à catadora.

Destacamos que a atividade coletora de Dona Vitória está contextualizada a uma situação de complementação monetária de uma família de baixa renda (de até meio salário mínimo por pessoa) e que embora a catadora tenha requisitos para Cadastro Único (CadÚnico)<sup>11</sup>, não possui nenhum respaldo de programas sociais. Ao relatar a dificuldade para conseguir ser contemplada por programas sociais, Dona Vitória traz à tona a invisibilidade dos mais pobres, que acabam não contribuindo ao sistema estatal, em que a listagem mais abrangente se encontra no CadÚnico não dá conta de localizar toda população existente (SCHYMURA, 2020). Nesse contexto, “negligenciar os direitos é criar fraturas sociais e submeter pessoas às vicissitudes da pobreza. É naturalizar o surgimento de subumanos, chamados de pobres, como aqueles desprovidos de cidadania” (DOTTO; FILHO, 2019, p. 138).

Ao tratarmos das inter-relações da festividade torcedora com o trabalho de catadores/as, também destacamos o encontro com mais dois catadores:

[...] fui caminhando até o Bar do Ito e por ali encontrei mais dois catadores: Lupicínio, de 34 anos, morador do Planalto, bairro vizinho e Renato, 41 anos, morador do próprio Humaitá, portando sacos grandes e cheios, diferente de dona Vitória com sua

<sup>10</sup> Nomes fictícios atribuídos à catadora e aos dois catadores.

<sup>11</sup> DECRETO Nº 6.135, de 26 de junho de 2007. Dispõe sobre o Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal e dá outras providências.

sacolinha com meia dúzia de latinhas. Quando me apresento como pesquisadora, eles imediatamente soltam a sacola para poder me dar atenção. Um deles segue só com a lata de cerveja que estava tomando, na mão. Ambos comentam que coletam latas nas imediações da Arena em todos os jogos, desde a fundação do estádio para complementar a renda. Renato conta ainda que tem mais de uma mulher e cinco filhos. Tem que estar sempre agitando para conseguir sustentar todo mundo. Eu pergunto ao Lupicínio se ele também tem família grande e ele salta dizendo que não é tão louco, que só tem uma mulher e já dá trabalho demais. Nós três caímos na risada, nesse momento (DIÁRIO DE CAMPO VI, 18/11/2018).

A conversa com os dois catadores reforça a inter-relação existente entre quem exerce atividade coletora das latinhas por moradores/as das proximidades e a existência do estádio, já que Lupicínio e Portaluppi realizam esse trabalho em todos os jogos, desde o primeiro ocorrido.

Atentamos ainda, para o depoimento dos catadores sobre a renda:

Ao perguntar sobre a renda aos dois catadores, eles me informam que conseguem levantar uma boa quantia por mês, principalmente quando o Grêmio joga “com times maiores” porque tem mais público e quanto mais público, maior o faturamento. Citam que quando o Grêmio perde, esse faturamento também diminui, já que chegam para a coleta antes do jogo e permanecem até o público começar a ir embora das imediações da Arena. Lupicínio me conta que no último jogo da Libertadores levou seu material coletado para venda e lucrou 130 reais. Depois voltou novamente ao território para catar mais latinhas e faturou mais 80 reais. O que ele considera uma quantia bastante expressiva para um único dia de coleta. Depois do papo descontraído, me despedi de Renato e Lupicínio e desejei uma boa coleta. Eles desejaram uma boa pesquisa e seguiram seu trabalho (DIÁRIO DE CAMPO VI, 18/11/2018).

Dependendo do status do adversário no universo futebolístico, maior é a quantidade de público, assim como a relevância de uma competição internacional também demanda maior público de torcedores/as e por isso, movimenta mais geração de renda. Quanto mais público, mais consumo de bebidas. Outra inter-relação do lucro dos catadores é o fator derrota ou vitória do Grêmio. Isso aponta que como a atividade dos catadores acontece também depois do jogo, o estado de euforia com a vitória faz com que a celebração se estenda no território. Logo, jogo com vitória é comemorado com mais cerveja.

Complementamos que, em se tratando de mercado, o principal elemento determinante do ritmo de trabalho de catadores/as é ter quem compre o que foi recolhido (GONÇALVES, 2006). Dessa forma, as inter-relações trabalho e lazer, catadores/as e torcedores/as extravasam o território das imediações da Arena, nas redes da multiterritorialidade. Isso porque existem indivíduos que mesmo não marcando presença no território dos dias de jogos também estão envolvidos de alguma forma com o consumo/comércio de bebidas dos dias de jogos no estádio, o que é o caso dos/as compradores/as de latinhas.

Nesse contexto festivo, já que a bebida possui centralidade nos modos de torcedores/as celebrarem o dia de jogo, ao mesmo tempo que comerciantes e ambulantes fornecem as

bebidas, os/as catadores/as complementam esse ciclo, recolhendo as latas vazias descartadas pelos/as torcedores/as. Portanto, enquanto torcedores/as festejam, consumindo bebidas, há quem trabalhe vendendo as bebidas e há quem trabalhe recolhendo as latas vazias, para que depois elas sejam vendidas, estabelecendo um ciclo inter-relacional entre o trabalho e lazer no território (e para além do território), que se centraliza no hábito de festejar bebendo.

Atentamos à relação entre o maior valor de faturamento do catador (210 reais), ao valor pago por um torcedor/a para assistir ao jogo, nesse dia (o que foi anunciado pela direção de clube é de que os ingressos poderiam chegar até 270 reais). Esse valor é pago por associados/as em compra antecipada, já que os valores diretamente nas bilheterias e com cambistas podem ser bem maiores. Como em jogos mais decisivos e de competições mais expressivas, o público aumenta, ocorre também a disputa pela compra dos ingressos. Os valores mais populares, ao abrirem as vendas no site do clube, geralmente se esgotam em poucas horas. Logo, a arrecadação no dia de maior faturamento aos catadores pode ser praticamente o mesmo que um torcedor paga pelo ingresso do jogo. Diante desse cenário, nos indagamos ainda quantos ingressos seriam necessários para pagar o salário mensal de um dos jogadores mais bem remunerados da equipe do Grêmio? E quantas horas de trabalho podem custar um ingresso para jogo a um/a torcedor/a assalariado/a?

Lembramos que Dona Vitória, além de catadora, é torcedora gremista, mas nunca teve a oportunidade (principalmente por ordem financeira) de assistir a um jogo do Grêmio dentro do estádio. Vestindo boné e camisa do clube, suas manifestações torcedoras em dias de jogos se dão pelas afetividades que tece no entorno do estádio, ao mesmo tempo que coleta suas latinhas. Dessa forma, ao nos confrontarmos com as desigualdades de renda e acessos das imediações da Arena do Grêmio, nos deparamos com desumanidades provocadas pela injustiça social que “é verificada e caracterizada pelo acúmulo e má distribuição de rendas, inadequação da gestão pública, negligência das áreas sociais (saúde, educação e cultura), ausências de oportunidades e desvalorização do trabalho” (DOTTO; FILHO, 2019, p. 138).

Myskiw *et al.* (2021), ao olhar para significados (re)produzidos em processos políticos na Câmara Municipal de Vereadores de Porto Alegre, particularmente para aqueles relacionados à extinção da Secretaria Municipal de Esporte, Recreação e Lazer, apontam nesse contexto, o lazer, esporte e recreação como “campo de intervenção de interesse público-social se relaciona com a sua capacidade de se afirmar como meio/ferramenta, sendo um campo de valor agregado, colocando o direito ao esporte e lazer como direitos acessórios de outras questões (educação, saúde, segurança pública, assistência social)” (p. 500). Logo, podemos observar que em se tratando de políticas públicas, ainda é necessário haver avanços e

ampliação de olhares para a dimensão do lazer.

Já no campo científico do lazer, embora exista um solo fértil na produção de conhecimento da Educação Física, “não é difícil constatar, na bibliografia disponível nas ciências sociais, que a área do lazer é relativamente negligenciada se comparada aos estudos em que o trabalho e outros temas são categorias centrais” (STIGGER, 2009, p. 74). Propomos-nos a dizer ainda, que os estudos do lazer e da sua relação com o trabalho estão frequentemente embasados por perspectivas que privilegiam relacionar essas duas dimensões na vida de indivíduos em temporalidades distintas (lazer no tempo de não trabalho). É preciso estarmos também atentos/as à relação trabalho/lazer, como a que aqui abordamos, constituída por diferentes atores que compartilham um mesmo espaço-tempo vivido, em que o trabalho e o lazer configuram-se simultaneamente, numa perspectiva configuracional de relações entre funções e sujeitos.

## CONSIDERAÇÕES

Ao realizarmos uma pesquisa etnográfica nas imediações da Arena do Grêmio, em dias de jogos, consideramos que “investigar a totalidade do campo social não significa analisar cada um de seus processos individuais. Implica, acima de tudo, descobrir as estruturas básicas, que dão a todos os processos individuais agindo nesse campo sua direção e marca específica” (Elias, 1993, p. 223). Nesse cenário, o dia de jogo é celebrado por torcedores/as, principalmente com cerveja e as latas da bebida são recolhidas por catadores/as que se apropriam desse território para fazer dessa atividade de coleta, uma fonte de renda. Logo a festa gremista também é geradora de trabalho para catadores/as que se constituem nas desigualdades sociais, tecidas pelo consumo da sociedade industrializada e do capitalismo financeiro: o que pode custar um ingresso para um/a torcedor/a, pode custar o maior faturamento em um dia de trabalho, para um/a catador/a.

Para este trabalho, destacamos a fala de uma catadora e dois catadores, ao abordarmos a inter-relação entre trabalho e lazer em um território da festividade torcedora. No entanto, a partir de uma perspectiva configuracional é importante ressaltar que os estratos funcionais do campo estão operando constantemente em sentido de complementaridade e estabelecendo conexões nas redes de multiterritorialidade. Se há latas para os/as catadores/as recolherem, é porque há quem venda a bebida, há quem consuma e há quem compre o que é recolhido. Isso nos aponta a indissociabilidade existente entre trabalho e lazer e entre os estratos funcionais que configuram o espaço-tempo vivido das imediações da Arena.

Meyer e Silva (2020), ao tratar das potências e desafios entre gênero, cultura e lazer, problematizam as formas binárias de ver e pensar o mundo, citando oposições tais como homem e mulher, cultura e natureza, sexo e gênero, público e privado, razão e emoção e o que mais especificamente tratamos aqui: trabalho e lazer. De acordo com essa problematização, abordamos o trabalho (coleta de catadores/as) e o lazer (a festividade gremista) não no sentido de oposição ou complementação, mas de indissociabilidade. Portanto, quando nos propomos a contemplar mais especificamente a inter-relação entre torcedores/as e catadores/as, destacamos que trabalho e lazer não podem ser considerados isoladamente, para que se seja possível compreender a apropriação do território investigado numa perspectiva configuracional.

Contemplamos ainda que compreender a relação entre a festividade de torcedores/as e o trabalho de catadores/as nas imediações da Arena do Grêmio nos propicia tecer olhar crítico às dificuldades de acesso aos direitos, desigualdades e invisibilidades sociais, imbricadas nas relações entre trabalho e lazer. Tratamos, portanto, de um território específico em que a inter-relação entre trabalho e lazer se configura por diferentes atores e redes de relações, que precisamos evidenciar no campo de estudos do lazer. Mesmo partindo da noção de que essas duas dimensões não se constituem isoladamente, entendemos que ainda é necessário ampliar olhares para a indissociabilidade e multiplicidade de configurações constituídas na relação entre trabalho e lazer.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Cássia M. P. R. **Festa à Brasileira: Significados do festejar, no país que “não é sério”**. 1998. 387 f. Tese (Doutorado em Antropologia social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BOZZANO, Horacio. **Territorios posibles: procesos, lugares y actores**. Buenos Aires: Lumiere, 2009.

BRASIL **Decreto n. 6.135 de 26 de junho de 2007**. Dispõe sobre o Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal e dá outras providências. Brasília, 2007. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6135.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6135.htm)

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

DOTTO, Augusto D.; FILHO, Ednaldo S. P. Aprendizagens e emancipações dos direitos sociais do esporte e lazer: um estudo exploratório do PEI e das participações de jovens no JERGS. In: STIGGER, Marco Paulo; MYSKIW, Mauro. **Políticas Públicas de Esporte e Lazer: olhares e experiências na perspectiva do direito social**. Ijuí: Editora Unijuí, 2019. p. 135-153.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva: SESC, 2008.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v. 2.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994a. v. 1.

ELIAS, Norbert; SCHROTER, Michael (Org.). **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994b.

ELIAS, Norbert. **Teoria Simbólica**. Portugal: Celta, 1994c.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**; tradução Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

GONÇALVES, Marcelino Andrade. **O Trabalho no Lixo**. 2006. 303 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2006.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **Geographia**, ano IX, n. 17, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13531>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

MARCELLINO, Nelson. C. **Estudos do Lazer: uma introdução**. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

MARTINS; Daiane. G.; KNUTH, Alan. G. A composição dos dias de jogos na vida de moradores e não moradores das imediações do estádio. **FuLiA**. Belo Horizonte, v. 5, n.2, p.13-34, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/21822>. Acesso em: 02 maio 2021.

MARTINS, Daiane. G.; KNUTH, Alan. G. Manifestações torcedoras e território: configurações das imediações da Arena do Grêmio. **Movimento**, Porto Alegre, v. 26, e26046, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/98929>. Acesso em: 02 maio 2021.

MARTINS, Heloísa H. S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Revista Educação e pesquisa**. São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago. 2004. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ep/a/4jbGxKMDjKq79VqwQ6t6Ppp/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 15 abr. 2018.

MASCARENHAS, Gilmar. Construindo a pátria de chuteiras: elementos para uma geografia da difusão do futebol no Brasil. In: SCHÄFFER, Neiva *et al.* (orgs.) **Ensinar e Aprender Geografia**. Porto Alegre: AGB, 1998. p. 93-103.

MASCARENHAS, Gilmar. A Geografia e os esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes. **Conexões**, Campinas, v. 1, n. 2 p. 47-61, dez. 1999a. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8638029>. Acesso em: 5 maio 2018.

MASCARENHAS, Gilmar. À Geografia dos esportes. uma introdução. Scripta Nova. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona, n. 35, 1999b. Disponível em <http://www.ub.edu/geocrit/sn-35.htm>. Acesso: 5 maio 2018.

MEYER, Dagmar. Estermann; Silva, André Luiz. Santos. Gênero, Cultura e Lazer: Potências e Desafios dessa Articulação. **Licere**. Belo Horizonte, v.23, n.2, jun./2020. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/24092>. Acesso em: 26 set. 2021.

MYSKIW, Mauro; SILVEIRA, Luís. F.; PACHECO, Cindy. L. A.; SILVA, Carolina. C.; STIGGER, Marco Paulo; SILVEIRA, Raquel. Esporte, Recreação e Lazer nos Jogos Políticos: reflexões a partir da inserção numa ação coletiva em Porto Alegre. **Licere**. Belo Horizonte, v.24, n.2, jun./2021. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/34954>. Acesso em: 21 out. 2021.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RODRIGUES, Francisco Carvalho dos Santos. **Amizade, trago e alento. A Torcida Geral do Grêmio (2001- 2011) da rebeldia à institucionalização: mudanças na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro**. 2012. 142 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

SANTOS, Milton. **Da Totalidade ao Lugar**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2005.

SCHYMURA, Luiz Guilherme. A dificuldade de o auxílio emergencial chegar a quem precisa. **Carta do IBRE**, conjuntura econômica, 2020. Disponível em: <https://portalibre.fgv.br/sites/default/files/2020-05/cartaibre.pdf>. Acesso em: 23 out. 2021.

SILVA, Helio R. S. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 171-188, jul./dez. 2009.

STIGGER, Marco Paulo. Lazer, cultura e educação: articulações possíveis. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p. 73-88, jan. 2009. Disponível em <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/437/353>. Acesso em: 13 set. 2021.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Quase lá: a Copa do Mundo no Itaquerão e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 19, n. 40, p. 119-148, jul./dez. 2013.

#### **Declaração de conflito de interesses**

A autora e o autor declaram não haver conflito de interesse.

### **Contribuições dos autores**

D. G. M. participou de todas as fases de elaboração da pesquisa e construção deste artigo; A. G. K. conduziu o processo de orientação do estudo.

**Submissão:** 30/03/2022  
**Aceite:** 29/04/2022